

1 - MAI 1991

Economia

O Brasil pode e deve dizer não

ESTADO DE SÃO PAULO

País tem condições
plenas de conquistar a
independência econômica
e deixar de ser submisso

CARLOS ROBERTO
NOGUEIRA DE FREITAS

Quando um bando de burocratas de instituições como o BID aceita pressões de outro burocrata, como o subsecretário de Estado americano, ou quando o ministério japonês veta a exportação de um supercomputador para nossas pesquisas de petróleo e aviação, é hora do basta, é hora do não.

Assim como o Japão, o Brasil pode e deve dizer não.

Não é tão difícil produzir um supercomputador. A Unicamp, dotada de recursos e com uma boa espionagem industrial pode torná-lo viável em menos de um ano. É assim que o mundo gira; nos Estados Unidos e no Japão. Por que não aqui também? Podemos dizer não exportando tudo que dê moeda forte, ao Iraque, Kuwait, Leste Europeu e até mesmo para a Europa.

Podemos dizer não iniciando a exploração racional e intensiva da Amazônia, extraindo todos os recursos naturais daquele vasto império verde. Exatamente como fizeram os europeus e os norte-americanos, dizimando seus índios e suas florestas, já que para o subsecretário americano os bancos são mais importantes que as nações, esquecendo-se que quando da reciclagem dos petrodólares os bancos financiavam qualquer tipo de projeto, até os que não existiam. O grande negócio era e ainda é o juro do capital, enquanto a ecologia é a maior prejudicada, pois não podemos deixar 50 milhões de brasileiros abaixo da linha de miséria absoluta só para que o dito mundo desenvolvido respire.

Aliás, para exemplificação, são os países do chamado Primeiro Mundo o grande mercado importador das madeiras da Amazônia. Podemos fazer até armas, sejam quais forem, uma vez que a tecnologia não é lá essas coisas. A tão propagada guerra tecnológica do Golfo Pérsico utilizou tecnologia CMOS da década de 70 e não chips modernos do final da década de 80, disponíveis em qualquer videogame de crianças.

Podemos exportar para quem queira: a Alemanha vendeu até bombas químicas para o Iraque, a Inglaterra vendeu tecnologia de supercâmbios, a França, então, nem se fala. Depois todos viraram santos e a ONU, constituída por burocratas que não suportam pressões, pois dependem dos subsídios dos que pagam mais, proíbe a venda de tudo, exceto alimentos. Se é piada ou má-fé, não



dá para saber; se isto é moral eu não sei; mas imoral é ver brasileiros morrendo de fome.

O Brasil pode e deve dizer não. Basta lembrar que, quando a ministra da Economia pede reciprocidade por analogia ao perdão da dívida externa da Polônia, somos tratados com desprezo pela pressão de um subsecretário qualquer. A política externa norte-americana foi sempre um desastre. Apesar de pertencerem à Organização dos Estados Americanos (OEA), ajudaram a Inglaterra na Guerra das Malvinas, invadiram o Panamá e Granada, exatamente como Saddam Hussein fez com o Kuwait, sem que concordemos com isso.

Nós podemos dizer não.

Temos minérios estratégicos, urânio, manganês, terras raras e ferro, além de pedras preciosas; temos terras férteis, 22% do Brasil é cerrado, com água no subsolo onde podemos produzir soja, milho, feijão, arroz, cana-de-açúcar, base para o álcool e desenvolver a alcoolquímica e estrategicamente inverter o break-down (esgotamento) do petróleo, eliminando a dependência dos países do Oriente Médio, que vão levar, quem sabe, até o fim do século para ter algum tipo de paz.

Podemos desenvolver química fina, a engenharia genética, com outros parceiros que não os americanos, podemos fazer parceria no que nos interesse com os franceses, coreanos, japoneses, sul-africanos e até com os russos. Não existe mais esse negócio de direita ou esquerda no mundo.

Nós já temos subsidiárias de empresas japonesas com pessoal brasi-

leiro, as quais apresentam índices de produtividade superiores aos do Japão. Sabemos como adaptar filosofias como o Jit, o Kanban, o Activity Based Cost à realidade brasileira e temos o que eles não têm: matéria-prima.

Somos capazes de produzir celulose a custo três vezes menor que qualquer outro país; somos capazes de produzir de duas a três safras de diversos tipos de alimentos; e, mais, somos uma Nação onde mais da metade da população tem menos de 18 anos.

Podemos e devemos dizer um alto e sonoro não.

Quem manda no Japão é o Kendanren e não o governo. A ministra deveria conversar com os empresários e não com ministros.

Devemos dizer não ao protecionismo americano, que freqüentemente reclama das atitudes brasileiras, mas faz pior dando subsídio ao etanol de milho, sobretaxando nossas exportações de madeira, couro, álcool etc.

Temos de trabalhar duro, para que cada Estado brasileiro seja forte como uma nação desenvolvida.

Temos de acabar com a política-gem, com os maus empresários; temos de ter o nosso Kendanren e não federações de indústrias, nas quais o interesse pessoal é maior do que o da Nação.

Dentro em breve o Japão não será o único, a Alemanha também terá de dizer não.

É só uma questão de tempo.

□ Carlos Roberto Nogueira de Freitas é vice-presidente da P.B. & Associados — Consultoria Empresarial